



“ELE (ACM) FAZ POLÍTICA COM PAIXÃO, COM O CORAÇÃO”

Deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA)

ACM confiante na vitória no Senado

O senador de 68 anos está acostumado a vencer. A disputa com Iris Rezende (PMDB-GO) será decidida na terça-feira

Fernanda Melazo
Da equipe do Correio

Com os cabelos cuidadosamente penteados para trás e embotados de gel, o baiano Antônio Carlos Magalhães (PFL) abaixa a cabeça, mas mantém o olhar firme e para frente. “Não conheço ninguém que tenha me dito que eu deva retirar a minha candidatura à presidência do Senado. Vou ganhar, se Deus quiser”, diz ele. Voz pausada. Quase em tom de ameaça.

A previsão desse experiente político foi feita num momento em que o outro candidato à presidência do Senado, Iris Rezende (PMDB-GO), unia forças com os demais senadores do PMDB, peitava o Palácio do Planalto para adiar a votação da emenda da reeleição e estava na disputa em pé de igualdade. E com chances de vencer. Isso foi logo depois que a convenção do seu partido, reunida no dia 12 de janeiro, decidiu recomendar aos seus filiados que votassem contra a emenda da reeleição e que a votação só fosse realizada depois da escolha das presidências da Câmara dos Deputados e do Senado.

Desde terça-feira passada, com a aprovação da emenda da reeleição e a consequente derrota do grupo dos senadores rebeldes do PMDB, contrário aos prazos ditados pelo Planalto, Antônio Carlos Magalhães se tornou o virtual presidente do Senado, numa eleição que será decidida nesta terça-feira, depois de amanhã.

E parece que ACM ganha mesmo a disputa. De cara, o senador baiano conta com os 23 votos do PFL. O partido está unido em torno de Antônio Carlos e até conquistou mais uma adesão para o candidato — a do senador Romeu Tuma (PSL-SP). Com o apoio de Tuma, o PFL dará 24 votos ao senador baiano. Além do apoio de três dos quatro senadores do PTB, ele conta com cinco votos no PPB de Maluf e já é opção da grande maioria dos 13 senadores do PSDB de Fernando Henrique.

ACORDO PRÉVIO

Em 1995 o PMDB — que tem a maior bancada da Câmara — cedeu a presidência a um pefelista, o deputado Luís Eduardo Magalhães (BA). Em troca, o PMDB faria o sucessor com apoio do PFL. A disputa no Senado deve-se, para esses peemedebistas, ao direito que o partido tem de fazer o presidente da Mesa. “O PMDB é um partido majoritário e tem direito de indicar o presidente para a mesa do Senado”, afirma o presidente da legenda, Paes de Andrade (CE).

O outro motivo, mais sincero, é o desejo do partido de medir forças com o PFL, de quem os peemedebistas reclamam ter mais espaço político e mais atenção do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Antônio Carlos Peixoto de Magalhães tem 68 anos. Formou-se em Medicina e trabalhou como jornalista. Mas o que mais gosta de fazer é política. Há exatos 40 anos — foi eleito deputado federal aos 28 —, o baiano se dedica a ela. “Ele

Dida Sampaio/AE



Em mais um fim de semana em Brasília, ACM (D) passeia com Rubens Gallerani, procurador do Estado da Bahia

faz política com paixão, com o coração”, conta o deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA).

O senador, que já foi prefeito de Salvador e governador da Bahia por três vezes, tem um perfil polêmico. Desperta sentimentos intensos como ódio e paixão, inveja e admiração. E cria temores. “Com ele não tem meio termo. Ou você ama ou odeia”, declarou um dia a cantora baiana Maria Bethânia.

Ela parece ter razão. Seus colegas de plenário são divididos pelo sentimento. Uns o odeiam, outros o amam e muitos o temem. Na verdade, quase todos o temem, além de amá-lo ou odiá-lo. “Ele transita com muita leveza e rapidez entre as

posturas de pai protetor, adulto e criança”, retrata Aleluia.

MALVADEZA X TERNURA

Os inimigos políticos preferem dizer que Antônio Carlos transita com muita facilidade entre o *Toninho Malvadeza* e *Toninho Ternura*. Depende do que está em jogo. Hoje, por exemplo, no meio de sua campanha à presidência do Senado, ele é todo ternura.

“Agora ele está amabilíssimo. Um doce. Não briga com ninguém e até manda gravatas para os senadores”, confidencia um de seus desafetos políticos. O problema é que tem gente para quem tanta amabilidade, às vezes, não é suficiente para curar feridas.

“Só votaria nele se Paulo Maluf me pedisse”, afirmou, não faz muito tempo, o senador Levi Dias (PPB-MS), em quem Antônio Carlos já treinou sua malvadeza. Depois Antônio Carlos tentou fazer as pazes com Levi, comparecendo ao casamento de seu filho em Campo Grande. Maluf pediu e Levi já decidiu votar em ACM.

Se Antônio Carlos quiser os votos de todos os senadores vai ter que estar disposto a fazer afagos em mais colegas. A senadora Marina Silva (PT-AC), por exemplo, guarda mágoa do dia em que sua assessora sentou ao seu lado no plenário por alguns segundos para lhe falar. Antônio Carlos brigou com Marina por ela ter dado

liberdade para que a assessora tomasse o lugar de um senador.

Antônio Carlos aproveitou para passar uma descompostura no presidente da Casa, senador José Sarney. Disse que ele tinha que ter mais força para comandar a Mesa Diretora do Senado. Sarney não gostou. Nem Marina.

CHICOTE

O senador pefelista também se indispôs com o senador Ademir Andrade (PSB-PA), dizendo, certo dia no plenário, que o discurso de Ademir era pura bobagem. Outro senador que não pode ouvir falar em Antônio Carlos Magalhães é Pedro Simon (PMDB-RS). Uma vez eles quase saíram no tapa quando Simon lembrou-o, também em plenário, do dia em que o então presidente Itamar Franco o enfrentou em seu gabinete.

O pefelista chegou ao gabinete de Itamar apressado, dizendo ter denúncias de corrupção dentro do governo. Antes de deixar Antônio Carlos falar, o presidente chamou vários jornalistas para dentro da sala. Antônio Carlos ficou muito irritado e acabou não dizendo nada.

Inimigos políticos do baiano brincam no Senado que, se em vez do senador José Sarney, estivesse sentado Antônio Carlos em frente ao presidente no dia em que Fernando Henrique deu o *carão* no PMDB por causa do resultado da convenção, a história teria sido diferente. “Imagine se ele ganha a presidência. Vai tratar o presidente a chicote”, sorriu um desafeto.

Antônio Carlos já brigou também com os senadores Roberto Freire (PPS-PE), Ney Suassuna (PMDB-PB) e Odacir Soares (PFL-RO). Mesmo com tantos inimigos, o pefelista acredita que ganha a eleição. E tudo indica que vai ganhar. Os amigos também são muitos.